

**NÃO
AO AJUSTE
FISCAL**

PUCViva

Nº 957 - 10/8/2015

Jornal semanal da APROPUC e da AFAPUC

APROPUC REIVINDICA ADENDOS AO PAGAMENTO DOS 7,66%

Ao Presidente do SIN-
PRO-SP

Prof. Luiz Antonio Bar-
bagli

Tendo em vista nossa reunião em 18/6/2015, da qual participaram, de um lado, o Prof. Luiz Antonio Barbagli, presidente; Dr. Ricardo Gebrim, advogado, por parte do Sinpro-SP, e de outro o Prof. João Batista Teixeira da Silva, presidente; Profª Drª Maria Beatriz Costa Abramides, vice-presidente; e Dr. Alexandre César Faria, ad-

vogado, por parte da APROPUC-SP, em que discutimos aspectos relativos ao Acordo de pagamento do dissídio de 2005 devido aos professores da PUC-SP e concordamos em realizar adendos ao referido acordo, já homologado pela Justiça do Trabalho, queremos agendar uma reunião para que os advogados das partes envolvidas - Fundasp, Sinpro-SP e APROPUC-SP - formulem as alterações que concordamos necessárias para a devida clareza do documento em questão.

Levando em conta que o documento assinado terá vigência de dez anos, acordamos nessa reunião que detalhamentos no que diz respeito a prazos para pagamento, atrasos, herdeiros de professores falecidos, recolhimento do INSS que, conforme o documento homologado deve ser recolhido pela Fundasp, uma vez que esta é isenta de recolhimentos previdenciários nos termos da lei de isenção das entidades filantrópicas, e não descontado dos professores, entre ou-

tros aspectos, merecem ser esclarecidos para salvaguardar todos os envolvidos.

Assim, contamos com a habitual solicitude de nossos interlocutores no intuito de levarmos a cabo esta questão e resguardarmos a integridade das partes envolvidas, e aguardamos manifestação quanto ao agendamento ora solicitado.

Atenciosamente,

João Batista Teixeira da Silva
Presidente da APROPUC-SP

EDITORIAL

O momento é de mobilização e mudança

O Brasil vive um momento de muita tensão e expectativa. A crise do modelo econômico atinge mais duramente os trabalhadores e a população de baixa renda. As demandas sociais se acumulam sem a devida atenção do Estado. As medidas do ajuste fiscal punem os que mais precisam dos serviços públicos essenciais e ao mesmo tempo asseguram os rendimentos financeiros dos mais ricos. A crise política escancara o grande descompasso entre as reivindicações populares e o jogo conservador dos governos e dos parlamentos. A descrença nos partidos e nos políticos é avassaladora.

O Brasil precisa de mudanças profundas, estruturais e radicais. Insistir nos remendos de um modelo excludente e concentrador não é a saída. A maioria da população sonha com um país mais justo e igualitário, com saúde e educação pública para todos, com moradia digna, com trabalho decente, com remuneração suficiente para uma vida com qualidade. Não dá mais para aceitar os discursos demagógicos e mentirosos, a repetida enrolação, a eterna ladainha do me engana que eu gosto. Insistir na política atual é condenar milhões ao sofrimento, à exploração e à degradação humana.

O momento é de crise e de superação do atual modelo econômico. O povo brasileiro sabe muito bem que é preciso mudar, que é preciso construir novos caminhos e novas soluções que levem em consideração as vozes dos trabalhadores, dos mais pobres, dos que estão nas ruas para exigir reforma agrária e reforma urbana; dos que defendem uma reforma política que acabe com o financiamento empresarial dos partidos e das campanhas eleitorais, que puna exemplarmente todos os políticos envolvidos em esquemas de corrupção. O povo quer mudanças: não aceita mais o que está aí e não quer a volta das gestões que adotaram o mesmo modelo anteriormente. É preciso virar a página da história e construir um novo Brasil.

A Universidade não pode ficar alheia aos acontecimentos. Precisamos integrar o estudo, a pesquisa, o conhecimento e a reflexão à luta concreta dos movimentos sociais populares e dos trabalhadores. Precisamos unir forças para enfrentar a grave situação do momento com um projeto de país mais justo e igualitário, livre e democrático. Todo apoio aos que lutam por mudanças verdadeiras! Chega de mais do mesmo!

Diretoria da APOPUC

CONVOCAÇÃO URGENTE

A Associação dos Professores da PUC-SP convida todos os Centros Acadêmicos, AFAPUC, coletivos, grupos políticos e sociais de estudantes, professores e funcionários da PUC-SP, para uma reunião na próxima quinta-feira, dia 13/8, às 18 horas, na sede da APROPUC, na Rua Bartira, 407.

O objetivo desse encontro é debater a formação de uma frente de esquerda, popular e democrática, que possa unificar amplos segmentos da universidade nesse momento de luta política no país.

Não podemos ficar alheios aos acontecimentos. A crise política e econômica exige novos projetos para o Brasil. Chega de mais do mesmo!

Veja como ficam as dívidas da PUC-SP neste início de semestre

7,66%

Na semana passada os professores receberam mais uma parcela da dívida de 7,66% que a PUC-SP tem com seus docentes. Foi a quarta parcela do montante estabelecido e as próximas parcelas deverão ter um valor inferior ao que até agora foi pago a cada docente que não assinou o acordo com a Fundasp em 2010.

A APROPUC está solicitando uma reunião com o Sinpro-SP para discutir ajustes ao texto já homologado pela Justiça do Trabalho (veja matéria na página 1 desta edição).

Reajuste Salarial

No salário que está sendo pago neste mês os professores e funcionários estarão recebendo mais 0,5% sobre os salários praticados em junho/2015. Com esta parcela os salários totalizarão um reajuste de 8% acordado pelas mantenedoras e professores e funcionários.

Abono da PLR

A situação continuou inalterável desde o início das férias docente, ou seja, depois do julgamento que determinou a improcedência da ação em 29/4, a Fundasp entrou com um recurso de embargos de declaração que está sendo apreciado pelo Tribunal.



Tribunal Popular realiza encontro na sede da APROPUC

Mais uma vez a sede da APROPUC prestou-se a encontros de movimentos sociais que lutam contra a opressão e por condições dignas de vida.

Desta vez foi o mais uma atividade do Grupo de Trabalho Indígena do Tribunal Popular, em reunião que aconteceu no dia 31/7.

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 – CEP: 05009-000 – Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Ministro Godoy 1055 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8208 – **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br – **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

Editor: Valdir Mengardo

Reportagem: Andressa Vilela, Marina D'Aquino e Anna Gabriela Coelho

Fotografia: Marina D'Aquino

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Conselho Editorial: Maria Beatriz Abramides, João B. Teixeira, Hamilton Octavio de Souza e Victoria C. Weischtordt

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

APROPUC sedia conferência sobre 10 anos do BDS

Aconteceu, na última segunda-feira, dia 3/8, a "Conferência Internacional: 10 anos do movimento BDS -Boicote – Desinvestimento – Sanções" na sede da APROPUC. O BDS é uma plataforma informal de ativistas, grupos sociais e organizações que, mundialmente, coordenam os seus esforços, em resposta ao apelo lançado pela sociedade civil palestina, para pressionar Israel a cumprir com o Direito Internacional e a Declaração Universal dos Direitos do Homem. Inicialmente o debate estava previsto para ocorrer dentro da universidade, mas foi cancelado depois que denúncias informavam que um grupo iria tumultuar o evento.

Estiveram presentes na mesa a mediadora e professora de Relações Internacionais Cecília Baeza; Linda Tabar, integrante do BDS; Chandni Desai, pesquisadora da Universidade de Toronto; Jamal Juma, coordenador do movimento Stop The Wall; e Yuri Hassz, cofundador da Rede Educacional pelos Direitos Humanos em Palestina/Israel. O debate teve como foco ressaltar os 10 anos de existência do BDS (boicote, desinvestimentos e sanções), movimento formado por diversos ativistas e defensores dos Direitos Humanos que se unem à sociedade civil palestina contra todas as opressões e repressões por parte de Israel.

O Apartheid israelense vai na contramão do que diz a Declaração Universal dos Direitos do Homem e

Direito Internacional e, por isso, o BDS luta e resiste através de diversas estratégias para que Israel respeite a dignidade de todo povo palestino. "O BDS foi firmado por 172 organizações sociais e políticas por todos os palestinos. É uma resistência civil e não violenta a favor dos direitos do povo palestino e contra as diferentes formas de apartheid que se encontram em Israel", pontua Cecília Baeza, no início do debate.

Outro destaque na noite do evento foi o aviso do lançamento da campanha "Olimpíadas sem Apartheid". A campanha tem como foco o fim do convênio entre o Comitê dos Jogos Olímpicos, no Rio de Janeiro em 2016 e a empresa de segurança israelense ISDS - que além de estar vinculada com as ações de Israel há denúncias sobre sua participação em ditaduras na América Central.

Há diversas formas de boicotes, desinvestimentos e sanções - culturais, acadêmicas, políticas e econômicas - e são a partir delas que todos os grupos, organizações e movimentos tentam acabar com as obrigações e humilhações que são impostas pelos israelenses. Dois exemplos de boicote são o acadêmico - que é a recusa em eventos que tenham ligação com Israel e o de consumo, em que a população deixaria de consumir produtos e serviços israelitas. O desinvestimento consiste em, principalmente, empresas pararem de investir para reduzir a economia de Israel, pois os lucros são designados às guerras e ao apartheid. As



TALITHA ARRUDA



Acima a mesa que coordenou os debates; no destaque o público que lotou o auditório da APROPUC

sanções têm como objetivo denunciar violações por parte de Israel e pressionar aplicações de sanções nos domínios militar, econômico e diplomáticos.

Amarildo Vieira, professor de história, acompanhou o debate e em entrevista ao PUCviva disse: "É necessário uma articulação maior entre partidos, movimentos sociais, sindicatos e todas as instâncias que são solidárias à Palestina, porque já somos poucos mas se unirmos nossas forças conseguiremos edificar um projeto mais forte e mais eficaz no sentido de colaborar com o fim do apartheid e também com a construção de um estado palestino que seja de fato autônomo".

TUMULTO

Pouco antes do término do evento houve um início de conflito entre os presentes na sala, devido a presença de um grupo de sionistas, mas felizmente a ordem se restaurou e o debate foi encerrado ao som de muitas palmas.

O evento-debate ocorreria no auditório 117A da Pontifícia, porém, segundo a instituição, a polícia os informou sobre a articulação de um grupo de sionistas e um possível conflito, além de um outro empecilho, como relatou Pedro Charbel - tradutor simultâneo e organizador do evento: "Reservaram o local e não descreveram como evento, pois quando se trata de evento é preciso passar por uma aprovação. Sem falar na história da polícia que ligou dizendo que tinha alguns sionistas estavam se mobilizando contra o evento".

Em um contexto em que Cátedra Foucault é proibida, não há espanto para mais uma vez a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo fechar as portas para assuntos de relevância global. Por outro lado a APROPUC, que se opõe a qualquer tipo de censura a atividades políticas ou acadêmicas, abriu suas portas para a realização do evento, ao qual deu o seu apoio.

Ex-alunos lançarão websérie sobre a redução da maioria penal

O Coletivo Rebento, grupo que conta com a participação dos jornalistas Caio Zinet, Gabriela Moncau e Marina D'Aquino (Zazá), formados pelo jornalismo da PUC-SP, idealizaram, a partir de uma ideia original de Bruno Gari Baldi, a websérie "O Filho dos Outros", um trabalho documental sobre a PEC da redução da maioria penal no Brasil, que conta com o apoio da ONG Repórter Brasil.

Para os integrantes do coletivo, "a discussão sobre a redução da maioria penal no Brasil vem se arrastando há décadas

e volta à tona em um momento de crise e grande fragilidade da política brasileira. Dados apontam que o número de presos disparou de 90 mil, em 1990, para 607 mil, em junho do ano passado, um aumento de 7% ao ano. Paralelamente, o número de adolescentes em reclusão também subiu no mesmo período, totalizando 23 mil adolescentes cumprindo medidas de privação de liberdade."

Em sessão polêmica, realizada em 1/7, a Câmara dos Deputados presidida pelo não menos polêmico deputado Eduar-

do Cunha, aprovou a redução da maioria penal de 18 para 16 anos para crimes graves. Agora, caso os deputados confirmem a aprovação em uma segunda votação o tema seguirá para o Senado. Enquanto isso, ONGs, coletivos e fundações contrárias à redução ameaçam ir ao Supremo Tribunal Federal para barrar a medida caso ela seja aprovada pelo Congresso.

Para ampliar o debate, o Coletivo Rebento, formado por jornalistas, documentaristas, artistas e pesquisadores, organizou-se com o propósito

de abordar em cada um dos oito episódios da websérie os diversos aspectos acerca da discussão.

Porém a realização deste projeto demanda uma série de custos financeiros que obrigaram o grupo a realização de um financiamento coletivo para a viabilização da produção. Assim o Coletivo abriu uma página no site Catarse para recolher doações de apoiadores do projeto. Para colaborar com o projeto e assistir ao teaser elaborado pelo grupo, os interessados devem acessar o link www.catarse.me/ofilhosdosoutros.



A cara nova do Prédio Velho

As paredes do Prédio Velho, que há muitos anos servem para membros da comunidade puquiana expressarem suas reivindicações e conquistas, foram pintadas durante as férias de julho, assim como o chão e a escadaria da Prainha. Em vários pontos da parede uma placa avverte que "qualquer dano ao imóvel será considerado crime conforme a legislação vigente". A vigilância na Pra-

inha também foi reforçada. Logo antes do final do semestre passado, estudantes fizeram uma colagem apontando para a censura, autoritarismo e falta de diálogo da universidade em relação à Cátedra Michel Foucault, proibida em ato político pela universidade. Ainda não há informações se a reitoria pretende autorizar algum projeto artístico, como aconteceu nas paredes do Prédio Novo.

FORTALEÇA A LUTA DOS PROFESSORES

ASSOCIE-SE À APROPUC *Defenda seus direitos*

Basta entrar no site www.apropucsp.org.br,
escrever para apropuc@uol.com.br, telefonar para
11 3872-2685 ou inscrever-se na
sede da entidade, à Rua Bartira 407

GAUCHE NA VIDA

Eu e ele, nós e eles

Sebastião Neto

Dedico aos jovens que brilhavam os olhos ao ver Vito falar, imprecar e politizar. E particularmente aos participantes do Curso de Comunicação Popular do NPC. Como diria o Elias: "se temos que esperar alguma coisa, será dos jovens".

Sentia que esse momento estava chegando. Tava antevendo. Tive na sexta passada com o camarada Vito no Rio de Janeiro. Era o mesmo como ser político, mas parecia fragilizado fisicamente. Já de meses, sua companhia Cláudia e sua equipe no NPC o acarinhavam, preocupados com as sequelas de tratamentos que ele tinha passado.

Durante muitos anos, eu e ele fomos inseparáveis na ação e diferentes em quase tudo para quem olhava a superfície das coisas. Dois jeitos distintos. O ambiente que ainda hoje permanece entre os velhos camaradas da Oposição Metalúrgica de São Paulo permitia e permite a convivência com diferenças políticas. Nos uniram laços inquebráveis de concepções políticas: a independência de classe, o internacionalismo, a obsessão pela defesa e necessidade das organizações de base dos trabalhadores numa concepção das estruturas horizontais de poder, a democracia dentro das organizações de trabalhadores. Vito trazia a cultura comunista da esquerda europeia - leia-se: NÃO da Terceira Interna-

cional - com uma marca italiana e particularmente tudo que era não stalinismo, não burocracia. Lembremos que a Itália no final dos 1960, começo dos 1970, tinha, talvez, o sindicalismo mais avançado da Europa, dizíamos "o mundo". Como tudo isso foi para a casa do cazzo, como diria o Vito, é um bom motivo de reflexão para a esquerda que vê as barreiras colocadas pela burguesia e prefere os atalhos da conciliação. Vito, na sua busca pela revolução, tinha cheirado que dali não sairia nada.

Eram de nomes como Bordiga, Pannekoek, Rosa de Luxemburgo, Rossana Rossanda, grupo "Manifesto", o extraparlamentarismo de que ele empurrava textos e textos fora do senso comum da esquerda. E Gramsci!! Não foi a OSMSP no Brasil a que difundiu aos milhares "Os conselhos de fábrica de Turim"? E a essa visão conselhistista se somava uma férrea defesa dos soviets. Fora a burocracia, viva os Sovietes!

É imaginável que tenhamos distribuído milhares de cópias do texto de Lenin "Sobre as greves" (edição Jornal do Jornais) inclusive em outras categorias?

Fizemos os decretos principais da Comuna de Paris em formato de cartazes. Essa visão conselhistista era vista por muita gente boa como basismo.

Formou-se em São Paulo e irradiou pelo Brasil a partir da OSMSP uma vanguarda. Vanguardista, às vezes, mas vanguarda de



Vito Giannotti (esquerda), ao lado de Sebastião Neto

classe.

Quando uma bandeira como as Comissões de Fábrica é assumida por milhares de trabalhadores que vão à greve, como em 78, reivindicando o reconhecimento das Comissões de Fábrica tanto quanto o reajuste salarial mostra que essa vanguarda permaneceu anos dentro das fábricas urdindo o tal trabalho de base. Não foi assim na Cobrasma quando da greve de Osasco?

Bebíamos em boa fonte.

São centenas de dirigentes de base estimulados, conscientemente formados em pequenas reuniões, em visitas nas casas, atividades de formação e quando a ditadura começou a cambalear atividades maiores e participação nas lutas. Essa vanguarda não foi forjada no estilo de ficar escondida atrás das máquinas. São muitas pequenas lutas por

N motivos. Trabalhei por acaso um ano junto com o Vito na Bussing-Stahlina Mooca, e com o Eliseu que seria o diretor da TVT em São Bernardo até o perdermos também. Quando entrei no início de 1970, tinham feito greves inclusive por atraso de pagamento. Eu estava com prisão decretada e ficava meio na moita e via aquele italiano falar incansavelmente, repassar muita literatura.

Trabalhavam umas 150 mulheres na produção. Era uma fábrica com a cara do milagre brasileiro. Condições de trabalho pré-revolução industrial, despotismo absoluto da chefia, revezamento de turnos, horas extras determinadas em cima da hora. Dali, através trabalho do Vito, sairá em 72 a primeira mulher candidata numa chapa da Oposição, Tere-

continua na próxima página

continuação da página anterior

zinha Papparazzo. E uma amizade de vida inteira com o Eliseu.

Essa cultura que o Vito (e outros) trazia, mais a paciente tradição do trabalho de base capitaneado por Rossi, herdeiro do jocismo do verjulgar-agir, dos Queixadas, da greve de Osasco somadas aos militantes de diversas organizações clandestinas, que diante da tarefa enorme que era "tomar" o Sindicato (é do Vito o "delenda Cartago") fizeram a mais rica - sem modéstia - convivência democrática na esquerda brasileira. Pautada por uma regra singela: a base organizada decide. Não é episódico, embora pitoresco, que militantes de partidos contrariavam as orientações e votavam com a região que representavam. Fazer o quê? Como os comunardos, éramos pela revogabilidade de mandatos.

Não foi o velho Mosmsp, execrado por gente tão bem pensante, como anarco-sindicalismo, os que não queriam ganhar o Sindicato? As ratazanas, hoje gordas, com alguns chafurdando na lama da política; os ganhadores que trataram a OSM-SP como "primos pobres", ignorando não só a realidade da luta de classes que contrapunha projetos tão distintos como, de um lado a OSM-SP, e por decorrência a CUT, e do outro a emergente Força Sindical; aqueles que pactuaram um "Ialta-Teerã" no sindicalismo brasileiro, que queriam "enterrar a oposição no caixão do Joaquinzão", esses eram a malta, a banda que o Vito não queria andar junto.

O neoliberalismo, a

opção da CUT pelo "propositismo", o aparar das barbas no PT e a negação pura e simples que os metalúrgicos de São Paulo fizessem chapa de Oposição a partir de 93, levaram Vito a mudar de ares, indo para o Rio de Janeiro. É verdade que a tragédia da perda do filho André nunca foi superada. Isso também o empurrou para fora de São Paulo. Os anos 90 foram para os metalúrgicos de Oposição de sobrevivência pura e simples. Fomos para o subemprego, para se esconder nas pequenas.

Depois do exílio nas fábricas nos anos 70, enfrentando a tríplice aliança empresários-militares-pelegos, fomos jogados nos 90 na pirâmide do desemprego, lidando com os trabalhadores que prudentemente estavam de cabeça gacha. E o "sindicalismo de resultados". O sindicato collarido era o arauto da desregulamentação e da flexibilização em nome do negocial melhor que o legal. Em menos de dois anos, Collor liquida um quarto dos empregos industriais em São Paulo.

Estava vencido como etapa. A partir da derrota de Lula na maravilhosa campanha de 89, foi determinada uma divisão de águas na esquerda. Mal se podia imaginar que o agiornamento ocorreria também por aqui. Que boa parte da esquerda historicamente construída na resistência à ditadura, em nome dos interesses maiores, desistisse dos enfrentamentos. Além do realismo político, não havia porque reforçar que a incontrolável Oposição Metalúrgica ganhasse o maior Sindicato operário. Os palestinos não podem ganhar, é isso. Acabou o gás. Ficamos sem a retaguarda.

Mas Vito recomeça, esse cavaleiro errante que já tinha andado pelo Oriente Médio, que foi pescador no Espírito Santo, depois de décadas militando em São Paulo, mudará para o Rio de Janeiro. "Recomeçarás sempre, com magnífica honestidade" (Barbusse).

O Vito era o cara da imprensa. Em depoimento para o Projeto Memória da OSM-SP, ele afirma que a Oposição foi inclusive, contando os sindicatos da época, quem mais publicou e distribuiu. Essa incontrolável gente era composta de forma variada por todas correntes de esquerda. Era incontrolável por qualquer uma das correntes participantes, muito menos de fora. A concepção de frente de trabalhadores tem a ver, claro, com um método, uma concepção, mas também é resultado do tamanho da tarefa (eram 400 mil metalúrgicos, em mais de 13 mil empresas; milhares de pequenas firmas e algumas de grande concentração de gente) do poder do inimigo que obrigava a unidade

A CUT pela base será herdeira dessa tradição de frente de Trabalhadores. Com a presença de diversas organizações, se manterá unida no mesmo método "assembleário". Quando o esgarçamento das relações começou a tornar forte a relação entre as correntes políticas, ela implodiu.

Vito tinha aprendido muito a fazer imprensa desde o final dos 60. E es-

crever. Fazia isso incansavelmente. Sua preocupação era sempre defender princípios e intervir na política ajudando que todos pudessem ter compreensão na sua militância. Desde, se não me engano, o primeiro livrinho feito com o Elias Stein (mais alguém?) sobre a História da Classe Operária no Brasil, construiu sua marca.

O trabalho com a Cláudia (e tant@s outr@s) consolidará essa obsessão de colocar como tema central a questão da comunicação e da disputa da hegemonia.

Morrerá sem ver uma imprensa revolucionária de massas expoente de um projeto político de esquerda. E tudo indica que estamos ficando cada vez mais longe dessa possibilidade.

Os cursos anuais do NPC em novembro juntam as correntes de esquerda num ambiente de confraternização e rica discussão política. Sobreviveu Vito dando cursos em todo o país. Os sindicalistas de base, os formadores o veneravam.

Muitos de nós são respeitados, mas Vito é daqueles camaradas como o Martinelli e o Rossi. Mais que respeitados, eles são amados. Longa vida aos que lutam!

Sebastião Neto foi militante da Oposição Metalúrgica de São Paulo e hoje escreve na página do IIEP - Intercâmbio, Informações, Estudos e Pesquisas

HOMENAGEM

No sábado, 08/8, foi realizada uma homenagem à memória de Vito Giannotti. Organizado por Sebastião Neto o ato foi também uma reafirmação das idéias socialistas no movimento dos trabalhadores e da defesa da independência de classe, princípios que o Vito sempre praticou. A APROPUC esteve presente.

MOVIMENTOS SOCIAIS

TALITHA ARRUDA



Manifestantes concentram-se no Vão Livre do Masp

MTST dá ultimato para governo Dilma Rousseff

Em ato realizado na quinta-feira, dia 6 de agosto, em frente ao escritório da Presidência da República, na Avenida Paulista, em São Paulo, a direção do MTST deixou claro que se o governo federal não realizar novas contratações de moradias, no lançamento do programa Minha Casa Minha Vida 3, previsto para o dia 10 de setembro, o movimento promete parar o Brasil com atos e ocupações nas principais capitais.

A manifestação contou com a participação de aproximadamente 10 mil pessoas de inúmeras ocupações da Grande São Paulo.

Em seguida, os sem teto marcharam até a frente do escritório e bloquearam uma via da Avenida Paulista e o cruzamento com a Rua Augusta. A comissão do movimento subiu ao 3º andar para fazer a negociação com a Secretária Nacional de Habitação e com um representante da Presidência da República. A reunião durou das 15h30 até perto das 18 horas, enquanto na avenida, o povo do movimento aguardava tranquilamente, com palavras de ordem, rodas de samba e muita expectativa sobre o resultado da negociação.

Próximo das 18 horas, os integrantes da comissão e a Secretária Nacional de Habitação, Inês Magalhães, anunciaram para a imprensa, na portaria do prédio, o acordo realizado, segundo eles com o aval da presidente Dilma Rousseff. Logo em seguida, o coordenador Guilherme Boulos relatou para os manifestantes que o governo prometeu realizar novas contratações de moradias no mesmo dia do lançamento do programa Minha Casa Minha Vida 3, no dia 10 de setembro.

Ainda em seu discurso para os sem teto, Guilherme Boulos afirmou que a conquista de hoje

será devidamente cobrada pelo movimento: "Se no dia 10 de setembro chegar ao nosso ouvido a palavra adiamento, podemos garantir que esse país vai pegar fogo. Dia 10 é o limite. Se não for cumprido o acordo, aí vira palhaçada". Ele alertou também que o movimento espera a aprovação da Medida Provisória da nova etapa do programa de moradia no Congresso Nacional tão logo seja enviada pelo Palácio do Planalto. Em seguida, os coordenadores do movimento orientaram os sem teto para a retirada organizada da Paulista depois de mais essa jornada de luta.

MST ocupa Ministério da Fazenda contra cortes no orçamento da reforma agrária

Na madrugada do dia 3/8, cerca de 2000 mil trabalhadores sem terra ocuparam o Ministério da Fazenda contra o ajuste fiscal do governo no orçamento da reforma agrária.

Segundo Alexandre Conceição, da coordenação nacional do MST, em nota divulgada à imprensa, o movimento volta a denunciar a paralisação da Reforma Agrária no país

com a realização de uma segunda Jornada de Lutas contra o ajuste fiscal do governo que cortou quase 50% dos recursos da reforma agrária - de R\$ 3,5 bilhões sobraram apenas R\$ 1,8 bilhão.

Durante toda essa semana todos os estados estarão mobilizados em luta permanente em defesa da pauta da classe trabalhadora camponesa.

Servidores federais seguem em greve

Na última quinta-feira, 6/8, mais de três mil servidores públicos federais realizaram uma marcha em Brasília, percorrendo a Esplanada dos Ministérios e em direção ao Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão (MPOG) para cobrar a retomada das negociações em torno da pauta apresentada pelo Fórum das Entidades Nacionais. O ato fez parte das atividades de greve dos docentes das Instituições Federais de Ensino, que completou 60 dias no último dia 28.

Os trabalhadores afirmam lidar com uma negativa sistemática do governo em negociar as pautas, como por exemplo a defesa do caráter público da universidade, melhorias nas condições de trabalho e maiores investimentos na área.

De acordo com boletim divulgado no site do Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (Andes-SN), os grevistas acreditam que no momento devem pressionar cada vez mais o Ministério da Educação e o governo federal, afirmando-se contrários "uma política que corta recursos do ensino público, procura empurrar as instituições públicas para a captação de recursos pela via privada e garante as transferências do fundo público para o setor privado."

Na semana passada, completaram-se ainda cinco semanas da greve dos servidores do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS). Os trabalhadores pedem reajuste salarial imediato de 25,5%, com aumento gradual nos próximos quatro anos, além de melhorias nas condições de trabalho.

ROLA NA RAMPA

Livro faz apanhado de estudos de Walter Benjamin

A editora UNESP acaba de lançar o livro Walter Benjamin - experiência histórica e imagens dialéticas, organizado por Carlos Eduardo Jordão Machado (UNESP), Rubens Machado Jr. (ECA-USP) e Miguel Vedda (Universidad de Buenos Aires). Entre os mais de 30 capítulos, estão artigos de Ana Amelia da Silva (departamento de Sociologia da PUC-SP, Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais e pesqui-

sadora do Neamp - Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política da PUC-SP) e de Jeanne-Marie Gagnebin (Unicamp e Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia da PUC-SP). O livro se destaca por ser uma reunião de pesquisadores do Brasil e exterior discutindo as informações das pesquisas de Benjamin. O livro estará a venda até o dia 15/8 no Espaço EDUC (Prédio Novo) com desconto.

Visita à Escola Nacional Florestan Fernandes

A Escola Nacional Florestan Fernandes convida para uma visita coletiva no sábado, 15/8, para participar do ciclo de debates sobre Agroecologia como matriz agroecológica. A programação começa às 8h45, com a chegada à ENFF, e início dos debates às 9h, até 12h, horário do almoço. Entre 13h e 15h, acontece a apresentação da ENFF, a visita às instalações e o encerramento da visita. Para participar, é necessário enviar um email para visitaenff@amigosenff.org.br com nome completo e email dos participantes até o dia 12/8, além de uma contribuição de R\$20 por pessoa para ajuda de custo da alimentação.

Professor da Unesp é alvo de ofensas racistas

O professor do curso de jornalismo da Unesp de Bauru e militante do movimento negro, Juarez Tadeu de Paula Xavier, foi um dos alvos das ofensas racistas escritas num banheiro masculino da universidade. Juarez foi formado pelo cur-

Professor palestra em encontro de Economia

O professor Antônio Corrêa de Lacerda, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Economia Política da PUC-SP, participou do V Encontro de Economia da Região Sudeste, o Corecon, no Rio de Janeiro na tarde do dia 7/8. Ao lado de Reinaldo Gonçalves e João Antonio de Paula, Lacerda debateu sobre Política Macroeconômica para o Futuro. No dia 6/8, José Luís Fiori palestrou sobre "O Brasil e a Geopolítica Mundial", e na manhã do dia 7/8, Márcio Pochmann, Paulo Jannuzzi e Roberto Olinto Ramons discutiram "Indicadores Econômicos e Sociais do Brasil".

so de Jornalismo da PUC-SP na década de 80 e teve uma participação ativa no movimento estudantil da universidade. A Unesp investiga a ação e lançará campanha em sua rádio contra a discriminação racial.

Roberto Fernandes dos Santos

A PUC-SP perdeu no final de julho um de seus docentes do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Contábeis e Finanças, Prof. Dr. Roberto Fernandes dos Santos. Roberto era doutor e mestre em Controladoria e Contabilidade, além de bacharel em Administração e em Ci-

ências Contábeis, além de engenheiro naval. O professor, além de também ser docente no curso de Contabilidade da Universidade de São Paulo, lecionava na PUC-SP desde 1983, com um extenso currículo na universidade nos mais de 30 anos de trabalho.

Livro "Cinema e Política" é lançado pelo NEAMP

No dia 15/8 acontecerá o lançamento do livro "Cinema e Política", pela Azougue Editorial/RJ, que tem produção realizada pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos em Arte, Mídia e Política (NE-

AMP) da PUC-SP. O livro foi organizado pelo professor Miguel Chaia, coordenador do Núcleo, e o evento acontece a partir das 15h30 na Livraria Martins Fontes (Avenida Paulista, 509).

Pós em Ciência da Religião discute Liberdade Religiosa

O Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião organiza nesta semana duas mesas para a abertura do semestre letivo, com o tema "Liberdade Religiosa no Concílio Vaticano II". No dia 12/8 (quarta-feira), entre 9h e 12h, a mesa será composta pelo Dr. José Oscar Beozzo (ITESP) e Dom José Maria Pires (Bispo Emérito), com mediação do professor Dr. Wagner Lopes Sanchez, do departamento de Ciência da Religião.

Na quinta-feira, 13/8, entre 14h e 17h, a palestra será ministrada pelo Frei Carlos Josephat (Escola Dominicane), Prof. Dr. Frank Usarski e Prof. Dr. Edin Sued Abumanssur, ambos do departamento de Ciência da Religião da PUC-SP. A mesa será mediada pelo Prof. Dr. Silas Guerriero, também da PUC-SP. A entrada é franca e é aberto ao público em geral, com direito a certificado digital aos presentes.

Mesmo sem sistema funcionários trabalham no feriado

No dia 10/7, sexta-feira, mais uma vez os funcionários tiveram que trabalhar em uma "ponte" entre feriado e fim de semana. A alegação de que a concessão de recessos prejudica o ano letivo dos estudantes, desta vez não procedia pois a universidade estava em recesso. Porém,

neste dia, um concerto no prédio novo deixou grande parte da universidade sem sistema operacional e, mesmo assim, os funcionários tiveram de ficar dentro do campus Monte Alegre, na maior parte das vezes, impedidos de trabalhar pelo problema técnico.